

A BORDO DA VIDA

Livro 57

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



NOVOS PAPÉIS

Caminhávamos a bordo, lado a lado sujeitos à disciplina que nos limitava do convés ao mar. Os gestos apontavam ao porto deixado, os olhos encravados nos olhos deixados, sentindo o desejo de chegar logo e acabar com agonia da incógnita. Uma viagem feita de incongruências, contradições. As fantasias buscando novas formas se aventuravam a dar-nos novas funções para as velhas recordações assumindo novos papéis.



NAVEGAÇÃO ANTIGA

Paradoxalmente um litoral do qual sabemos com toda certeza que foi muito frequentado, como nos indicam a fundação fenícia da cidade de Linux e a utilização da fatoria da ilha de Kerné, rendeu à investigação escassíssima documentação iconográfica sobre barcos e nenhuma de arqueologia náutica. As fontes literárias, tão pouco deixam margem de dúvida da importância da navegação antiga nessas águas.

FIEIS AOS ANCESTRAIS

Fieis aos ancestrais que perpetuaram o encontro humano, lhes declaramos a amizade, a admiração e quando sentimos falta recuperamos em lembranças e palavras que declaram que o amor fala por nós, que estamos de festa com a vida, anexados aos ânimos de suas performances enquanto vivos.



OLHAR ATÉ A RAIZ

Olhar insistentemente, cada partícula suspensa na rota, nas horas vivas de alta versão amorosa, a navegar por longas ousadias, arrecadando afetos que se perderam na desordem de devoções equivocadas. Depor no silêncio dos afetos, ilustres, resguardados para recriar sentidos e olhares harmonizados com o contentamento.

A BORDO DA VIDA

A bordo da vida carregamos mil mares, agimos a par das marés, das ondas, dos portos, as urgências obedecendo às leis do acaso esperando que respeitem, sujeitos aos nossos sonhos, imprevisíveis diante da eterna incógnita chamada futuro. Ceder ao tempo, obedecendo sua soberania.



POVOS DO MAR

Ao reportar meus pensamentos aos “Povos do mar” que olham os céus, confiam nas rotas, nos mares que sulcam, no reponte da aurora que virá, no olhar que como agulha magnética que obrigada olha o Norte, esconde a tentação de um olhar que é geral.

LIBANO PRESENTE

Hoje eu vi o renascimento da força dos plantadores de cedros, dos remadores das naus, dos inventores do alfabeto, da cordialidade de nivelar idiomas entre povos. Vi mãos oferecidas como almas coincidentes, como vozes harmônicas, como convites profundos, sem volta, sem promessas, plenos de certezas, como um ato que corrobora uma certeza adiada, mal compreendida. Vi alegria na corrente, a esperança devolvida. Há presente nesta iniciativa, há passado nessa fortaleza, futuro a ser construído.



MUNDOS LONGÍQUOS

O desenvolvimento alcançado em fins do século II e nos inícios do século I a.C. se expande, mais além dos palácios que monopolizavam- ferro, cera, soldadura, telar vertical, técnicas agrárias, etc., começando a estender-se para a Europa bárbara desde o Mediterrâneo.

Talvez nisso tiveram um importante papel essas viagens em busca de conhecimento e experiência, que paulatinamente foram aproximando ambos extremos do mundo. O Mediterrâneo e a Europa Bárbara e fazendo chegar aos portos orientais notícia da existência de terras, gentes e recursos nos confins do Mediterrâneo, assim como naquela, de objetos imbuídos de valor do longínquo e do conhecimento e experiência do contato com gentes e mundo longínquos. (Ruiz-Prego)



OCEANO

No mundo das conquistas fenícias as leituras diferentes permitem contemplar todas as caras da realidade do momento. Nos extremos do mundo se marca a delimitação do espaço, que vem a destacar a obscura consciência do más além nestes momentos da história das mentalidades antigas...Oceano é o limite das viagens míticas relacionadas com os objetivos finais dos heróis.

LUGARES LONGÍNQUOS

Oceano aparece como uma divindade originária. A partir daí, com o conhecimento do mundo colonial, se define com um rio que rodeia a terra. Porém em sua imagem perdura a referência como ponto extremo do mundo, cenário dos amores e da morte. Isso facilita a funcionalidade no mundo dos rituais iniciáticos. O Oceano aparece como uma metáfora das catarses, dos rituais de purificação que permitem a integração na comunidade. (J. Rudhardt, *Le thème*,98.)



NOSSAS NAVES

Nossas naves viram imperar os ventos aprendendo a ser desobedecido por eles. Nossos olhos viram mares dominando equilíbrios, a admiração dos céus noturnos habitados por luzes concomitantes, veementes transmitindo rotas. Insondáveis memórias pediam com insistência harmonizar as saudades com poderes suficientes para vencer os esquecimentos.

FIEL

Fieis aos ancestrais que perpetuaram o encontro humano, lhes declaramos a amizade, a admiração e quando sentimos falta recuperamos em lembranças e palavras que declaram que o amor fale por nós, que estamos de festa com a vida, anexados aos ânimos de suas performances enquanto vivos.



JÁ FUI

Já fui barco, bote, navio, canoa e escaler. Valeu a pena? A tentativa era de dominar as águas, flutuar sem afundar, governar o imprevisto, ensaiar promessas, entender os afogamentos e os afogados, sobreviver para contar vantagens, apropriar-me do código das marés, saber onde se escondem as sereias e dormem os naufragos.

PÚRPURA

Quem foram os fenícios? Os fenícios eram cananeus. O nome fenício provem dos gregos, que se dirigiam aos habitantes destas terras como phoinikés, ou seja, os comerciantes do phoinix, a cor púrpura. Os fenícios se converteram em excelentes exploradores e comerciantes da tinta púrpura, que se extraía do molusco de gênero Murex.



SAUDADES MEDIDORAS

As saudades se ocupam da medição das distâncias emocionais que diferentemente das espaciais que medem permissões e censuras, facilitações e complicações vividas na rotina das travessias. Mede em léguas, em travessias, em oceanos, em ondas que fazem e desfazem como se fossem a extensão do meu corpo e o brilho das estrelas que habitam minhas entranhas. As naves cheirando a cedro recém-colhido faziam brotar atrações. As lendas de Ugarit, o Monte Líbano e as casas de pedras deixadas em Barsa e Duraya. Nas portas do mar as saudades encurtam distâncias.

COMIDA FESTIVA

A Identidade Libanesa se manifesta por elos mantidos em práticas que unem pessoas, objetos, sementes e iguarias revestindo de arte a construção artesanal do processo de um comer festivo. Exaltando as origens e sua milenar história processual de guardar a semente, plantar, regar, colher, coccionar e comer-juntos como autores-atores desta obra que une generosidade, criatividade, saudades, sabores. A experiência da culinária libanesa se constitui numa unificação de experiências dialogando com o efêmero com o permanente, disfrutando a partilha do conhecimento e a riqueza das lembranças que semelhante convívio evoca.

A culinária é uma marca histórica da realidade que superpõe passado (memória), presente (inspiração) e o futuro (modelo).

A construção e os dados vertidos em receitas, narrativas, transmissões pessoais são as fontes que constituem o alimento como produto final das inspirações, horas/vida partilhadas, esforços, paciência, tolerância entre outros tantos elementos primordiais na construção artesanal do processo, como a generosidade da oferta e do prazer oferecido ao próximo. Estas são algumas das

entrelinhas que vinculam o enaltecimento universal da comida libanesa. Sua intensidade invade os sentidos, os envolvidos pelos afetos cobrem as principais demandas dos humanos: amar e ser-amado, pondo-se em destaque uma conjunção de almas e corpos alimentados.

As memórias, os deslocamentos, a energia, as emoções disfrutam espalhando suas marcas históricas que fazem da comida um lugar central das celebrações, tal o valor investido nos rituais que se colocam em prática.

Isto gera sentido de pertencimento, um dos pilares da Identidade, da reciprocidade, do Amor na cultura libanesa.



GERAÇÕES FUTURAS

As gerações futuras deverão alcançar níveis de vinculação afetiva com os Valores, somente assim poderão fazer o resgate histórico da memória dos antepassados, identificar espaços de inclusão com honradez, resistir a maldade sincronizada com a informação e formação acrítica própria do colonialismo cultural que é ofertado como tóxico.

NÃO HAVERÁ

Não haverá validação da formação universitária enquanto ela não desenvolver o humanismo.



COMPROMISSOS

Aos compromissos se lhes é dado um valor menor porque as palavras comprometedoras são descarregadas de significados por aqueles que não pretendem cumprir com as regras combinadas.



AS NINFAS

As ninfas se ofendiam com os pastores manifestando seus férteis interesses. Sensuais habitaram o imaginário que vivia entre as culpas e as tentações.

Perigosos guardiões de rebanhos inchados por abundantes hormônios demitiam a paz. Todos os atos se aglomeravam ordenando a natureza dedicada a uma ordenação primitiva. Vivendo uma época de corpos fechados tentando crescer livre dos perigos exaltavam as distâncias e as críticas para proteger-se dos ladrões e do caminho dos lobos. Desencadeados urgentes desejos tentavam provar a harmonia e a simetria que lhes aproximavam de um tempo de abundâncias crescentes. O atrativo de ser visitantes das virtudes da vida se oferecendo para proporcionar extrair todas as faces do amor em sua essência.



QUASE

Quase não há propósitos para a vida quando são omitidos os valores fundamentais do protagonismo humano.

AQUELA SOLIDÃO

Emboscados, ataques repentinos lançam horror no trajeto verde de forma a estremecer as caminhadas tornando-as mais árduas. A evolução das caçadas se apoderava dos provocadores, exorcizando bestiais comandos dispostos à flor da pele. As extravagâncias apresentadas nas desordens se dirigiam à mulheres e homens indiscriminadamente exercendo um terror sem riscos. Um desdobramento dramático foi o testemunho das crianças indefesas naquela solidão cansada de tantas mortes.



QUASE SEMPRE

Quase sempre encravadas entre as palavras, reunidas para amansar, as ternuras lutavam para manter seus privilégios. Tendo seus direitos cassados se exilaram nas suspeitas. Aflitas, envolvidas em controvérsias, lhe buscam amesquinhar o valor. Negando-se a amigar com o ódio, tratam-se com carinho a si mesmas.

FANTASMAS

Os personagens principais ainda circulam na minha casa, são fantasmas do presente, procuram pelo pilão, o quadro do camelo no deserto, o armário da cozinha, o fogão a lenha. O apito do guarda noturno avisa que ele deva apressar-se, a noite vai ficando reduzida, eles parecem confiar, alerta-me, antes de partir, que o já vivido circula na espiral, rumo do tempo, vai, mas voltará.



GESTOS SIMPLES

Amou com gestos singelos como quem se exiliou para a indiferença. Recusando-se as irregularidades que rodeiam as paisagens que tenta preservar. Concebeu um lugar onde prevaleça a soberana conciliação que trata os atritos como evitáveis. Desejou uma permissão para escalar empolgado momentos mais propícios para a amizade. Ainda acreditava em bons motivos

para regular o tempo e o espaço, expulsar os famintos por almas esvaziadas devoradas, feitas caos, porosas, atrofiadas.

Amou como protagonista, docemente comunicou sua presença. Frequentou as partes da natureza convencendo aos humanos que jogassem longe de si as rivalidades, as competições, as diferenças sociais e raciais. Meu pai acumulou e distribuiu a avidez de amar.



A PAZ

Todo ser humano leva consigo uma cultura, um histórico, células milenares transmitidas de geração em geração. Perto ou longe do seu lar, os humanos são protagonistas, garantem a memória de que a paz manteve a vida da espécie. Cada um é ser único, por herança é um grupo.

IDENTIDADES ANALFABETAS

Identities analfabetas vociferam modelos, banalizam a morte, o risco e uma tolerância ao absurdo, diminuem a percepção do mal, da mentira e da falsidade. A corrupção é endêmica, impera o narcisismo, erros de base induzem ao equívoco global.



QUEM

Quem escala precipícios, cultiva falésias, restaura desfiladeiros, planta desertos, assopra as brasas, entra em grutas, penetra nas entranhas do vulcão, navega nas sombras das florestas e mergulha em fontes, caminha nas geleiras, tenta descobrir a Natureza em meio a obstinados. Sonhos e livros aproximam.

AS ARTE E AS CIÊNCIAS

As artes convidam à uma solidão criativa, as ciências a soluções coletivas, a humanização das ciências lhes autentifica uma aproximação das artes. O esvaziamento dos textos, dos currículos, das técnicas, dos protocolos compromete a riqueza das ciências por desnivelamento e falta de envolvimento afetivo entre o que se dá e o que se recebe. A singularidade dos humanos, a história que lhes compõe não sabe definir a linguagem dos números e o agrupamento competidor com as demandas únicas de cada ser humano. Será relevante que se aplique as mesmas regras para o Amor, e outros necessários alimentos da alma.



PEÇO AO MÁRMORE

Peço ao mármore que me conte sua história, que conte das dores e das tréguas, do ideal que traziam com martelo e cinzel, da vontade de libertar formas, de

jurar estéticas justificando suas feridas, advertindo da conveniência passiva que lhe tornaria arte pausada nas observações daqueles que não lhe visitarão por si, mas pelo que representa; protótipo da natureza alterada abrindo suas virtudes resolvida a ser formosura.



PASTORAR

Era gostoso pastorear, andar de passeio na aldeia, ver o leite ser coalhada, a figueira ser figo, o pão agasalhar o trigo e o fogo alimentar o momento bem-sucedido das meigas e sensuais ingestas.

POR ONDE PASSA A PALAVRA

Deslizar por onde passa a palavra, autorizar a propriedade, honrar o proposto, transitar até que tudo seja cumprido. Nos curtos espaços da desconfiança prolongar uma autorização útil, deixando à prova ao autor da maledicência.



A IMPORTÂNCIA DAS ORIGENS

Ao fazer-se o reconhecimento da importância das origens deve-se manter uma distância ótima à homenagem aos antepassados distantes para poder recuperar a história de si mesmo sem alienações com pessoas e fatos que pouco nos diz respeito direto e com um sentido não pertencente a nossas identidades. A recuperação da consciência de si mesmo é um gigantesco passo para a originalidade individual, constituindo-se numa opção de independência do coletivo, onde vemos os modelos que insistem em comparações. Esta comparação

elimina singularidades e remete a uma coletividade massificada, sem formas e desejos. A consciência da originalidade permite mudar destinos, a consciência da cópia histórica remete ao mimetismo que se transforma numa armadilha de comparações difíceis de serem reeditadas. Os incautos que se aventurem a repetição serão copiadores em dívida com os originais. Por isso a proposta que visa a recuperação da história componente é um estímulo à singularidade com características artesanais, enquanto que a educação disciplinaria tem matizes “industriais” massificantes, pois busca o enquadramento dos conceitos criativos que constituem a base da individualidade original. É nesta condição que se trava a batalha do enaltecimento do Eu versus a negação de si mesmo.

Roberto Curi Hallal

